Ñanduty
ISSN:2317-8590

Nhemongueta mbo'e roy[1] *rehegua*: conversas sobre a escola/universidade

Luana Lopes Martins[2] (UEMS/Ciências Sociais/Amambai - lulopesmartinss@gmail.com)[3]

Resumo: Esse artigo apresenta uma reflexão a respeito das relações de mulheres kaiowá e guarani com a escola e/ou a universidade. Procurei entender junto com as mulheres da Aldeia Sassoró, município de Tacuru, o que a instituição educacional representa para elas e dialogar sobre as dificuldades enfrentadas por serem mulheres diante de condições como casamento, gravidez e outros fatores apontados por algumas. Os resultados mostram que se algumas estudantes encontram em tais desafios motivos para não continuarem seus estudos, para outras estes fatores são considerados uma inspiração para prosseguir.

Palavras-chave: Mulheres kaiowá e guarani. Acesso e permanência no ensino superior. *Nhemongueta.* Pesquisa.

Nhemongueta mbo'e roy rehegua: conversaciones sobre la escuela/universidad

Resumen: Este artículo presenta una reflexión a respeto de las relaciones de mujeres kaiowá y guaraní con la escuela y/o la universidad. Busqué comprender junto las mujeres de la aldea Sassoró, municipio de Tacuru, qué representa para ellas la institución educacional y dialogar sobre las dificultades enfrentadas por ser mujeres delante de condiciones como el matrimonio, la gestación y otros factores señalados por las mismas. Los resultados demuestran que si algunas estudiantes encuentran en estes desafíos razones para no continuar sus estudios, para otras estes factores son considerados una inspiración para seguir.

Palabras-clave: Mujeres kaiowá y guaraní. Acceso y permanencia en la enseñanza superior. *Nhemongueta*. Pesquisa.

Nhemongueta mbo'e roy rehegua: talks about the school/university

Abstract: This article aims to present an analysis about the interrelation of indigenous women kaiowá and guarani with the school and/or the university. Specifically, the article aims to understand what the scholar institution represents to women from the Sassoró village, Tacuru city, and the challenges they face in terms of marriage, pregnancy, and other factors. Results show that while some women decide to not keep studying due to such challenges, to others such issues are an inspiration to keep their journeys.

Keywords: Kaiowá and guarani women. Access and retention in higer education. *Nhemongueta.* Research.

[1] *Mbo'e roy* literalmente significa casa do conhecimento.

[2] Egressa do curso de Ciências Sociais, UEMS, Amambai. DIscente do curso de Psicologia, UNIGRAN, Dourados.

[3] Orientação de Célia Maria Foster Silvestre (UEMS/PPGAnt - celiasilvestre@uems.br).

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Introdução

Este artigo é fruto de meu trabalho de conclusão do curso de Ciências Sociais na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, Amambai, iniciado em 2018 e concluído em 2022, com os dois últimos anos vividos durante a pandemia de Covid 19. A pesquisa foi, para mim, um momento de reflexão a respeito de ser mulher kaiowá e guarani e estar concluindo um curso universitário. Foi, ainda, uma oportunidade para conversar com outras mulheres que vivem próximas a mim, em um momento muito difícil, o da pandemia, sobre uma dimensão que ainda é negada a muitas de nós – a escola e a universidade.

Iniciarei relatando a minha trajetória e experiência como uma mulher kaiowá e guarani. Nasci na aldeia Taquaperi[4], no município de Coronel Sapucaia (MS), há 10 km de distância da aldeia, onde passei alguns momentos da minha infância. Com o passar dos tempos, quando tinha cinco anos de idade, ainda morando com meus pais, tive a oportunidade de acompanhar a rotina da minha mãe, que dava aula na Escola Municipal Indígena *Nhande Reko Arandu* (EMINRA), localizada na mesma aldeia, para os alunos das séries iniciais. Ainda que tal experiência tenha sido breve, foi um dos motivos para que eu levasse adiante essa curiosidade, pois, naquele período, ser um(a) professor(a) era uma coisa rara, ainda mais quando se tratava de mulher. Portanto, desde criança minha mãe sempre foi minha maior inspiração.

Porém, com o passar dos tempos, começaram os desentendimentos entre minha mãe e meu pai, que logo optaram pela separação. Neste contexto, eu, minha mãe e meu irmão[5] nos mudamos para a aldeia Sassoró, município de Tacuru (MS). Ali, comecei os primeiros dias de aulas e concluí o Ensino Médio na Escola Municipal Indígena Ubaldo *Arandu Kue-mi* (EMIUAK). Neste território, se encontrava a maior parte dos meus parentes por parte de mãe e, passados os dias, minha mãe teve que procurar outros meios para nos sustentar e precisou se ausentar por um bom tempo. Durante esse tempo, passei a minha infância e adolescência com minha avó materna, que considerava como mãe. Tempos depois, descobri que minha mãe tinha

[4] A forma correta da escrita dessa palavra em Kaiowá é Takuapiry, sendo que Takauapi significa bambu fino e ry nada mais é do que caldo. Segundo os meus avós, o território ganhou esse nome porque na região era comum a existência dessa planta, que armazena pequena quantidade de água nos seus espaços internos e que, segundo os Kaiowá e Guarani, torna a água mais saudável, fresca e pura para matar a sede.

[5] Eziri Lopes Martins. Somos irmãos com a mesma mãe e mesmo pai, ou seja, Eziri é meu único irmão. Tenho outros irmãos, porém com pai ou mãe diferente.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

voltado para a aldeia Taquapery, e casado novamente com outro homem e trabalhava como professora.[6] É nesse território que ela mora atualmente.

Aos 14 anos de idade tive que lidar com a morte da minha avó. Foi uma perda muito grande, pois entendia que ela era a única pessoa que se importava e cuidava de mim e do meu irmão. A responsabilidade de cuidar de meu irmão mais novo ficou toda para mim e, com essa perda, não podíamos continuar morando na casa do meu avô, que ficou viúvo. Meu avô já não estava em condições de nos manter, pois era dependente de nós e eu, como menor de idade, não podia me responsabilizar por ele e pelo meu irmão legalmente. Nesta situação, nos mudamos novamente para aldeia Taquapery para morar com minha mãe e ali residi por seis meses.

Os seis meses morando com minha mãe foram marcados por vários problemas, dificuldades e desentendimentos e os motivos para todos esses problemas era eu e meu irmão. Estava em um "beco sem saída", até que meu tio,[7] que morava em Sassoró, soube dos fatos e nos procurou para irmos morar com ele. Portanto, retorno à aldeia Sassoró, com experiências negativas e traumatizantes que incluíam falta de apoio, incentivo, motivação e recursos para me manter enquanto estudante. Durante esse período, em nenhum momento pensei em desistir ou deixar de frequentar a escola até que, já no 2° ano do Ensino Médio, me casei, pois precisava de um companheiro para me ajudar no meu *guata* (caminhada) – algo que para algumas mulheres pode se tornar um problema. De maneira nenhuma procuro romantizar ou acrescentar mais coisas sobre a minha trajetória: apenas relato uma experiência que pode ser comum em meio aos/às Kaiowá e Guarani.

Hoje entendo que esses acontecimentos eram comuns entre os Kaiowá e Guarani. Em outras palavras, era e ainda é comum as mulheres indígenas se casarem ou engravidarem na fase da juventude e quando o casamento não dá certo os filhos ficarem com a avó materna. Em alguns casos, as jovens indígenas nem chegam a casar-se, mas fatores conjugados levam as mulheres indígenas a desistirem de seguir os estudos. Justamente esses acontecimentos vinham despertando a minha curiosidade muito antes de ter feito o curso de Ciências Sociais na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

Como minha avó era uma pessoa rígida e tinha pouco conhecimento dos não indígenas, seguia os rituais e costumes kaiowá e guarani de acordo com seus princípios, como estar em pé

[6] Andreia Martins, 36 anos, graduada em Pedagogia.
[7] Marcos Gomes, ex- capitão da aldeia Sassoró e professor na Escola Estadual Indígena *Jasy Rendy* atualmente.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

antes do sol nascer - uma avó indígena kaiowá de maneira nenhuma deixa seus netos dormirem até tarde e o costume torna-se ainda mais rígido quando se trata de mulher -, bem como aprender a cozinhar e a lavar roupas. Em outras palavras, os ensinamentos de uma avó indígena estavam ligados a trabalhar mesmo, portanto brincadeiras ou diversão eram coisas intoleráveis. Particularmente, eu a considerava uma pessoa ultrapassada e mal-informada, pois era uma pessoa analfabeta, mas compreendi que tudo que ela tinha feito por mim era pensando em formar alguém capaz de encarar as dificuldades por ser uma mulher kaiowá e guarani.

Portanto, o meu interesse em pesquisar sobre essas situações surgiu dessas análises que tenho feito durante a minha graduação, refletindo na minha própria experiência ou trajetória. Procurando trabalhos e pesquisas sobre essas questões, me deparei com poucos materiais disponíveis a respeito. Como fazia parte desse contexto kaiowá e guarani, me dediquei a esta pesquisa, que teve como objetivo dialogar com as mulheres indígenas a respeito de tais questões, sobre a qual usarei o termo diálogo/*nhemongueta*.

1. Escola e universidade

O contato com os não indígenas têm exigido indiretamente a necessidade de os indígenas buscarem desvendar esse mundo, que é novidade. Percebemos isso nas palavras de Tonico Benites (2009):

> Nesse contexto de contato frequente com os saberes escritos (*kuatia arandu*), algumas famílias entenderam que aprender a ler e escrever seria importante porque viam a relevância do papel. Durante a relação de trabalho (*changa*) nos ervais e na derrubada de mato, era comum ver os patrões ervateiros utilizando sempre papel e caneta para anotar as mercadorias e o dinheiro dados aos trabalhadores Kaiowa e paraguaios. Ao entrar em contato com outros não-índios (*karai*), como missionários, pastores e agentes do SPI/FUNAI [Serviço de Proteção ao Índio/Fundação Nacional dos Povos Indígenas], (entre outros), observavam também todos usando papel. A utilização do papel era frequente em frente ao Kaiowa. Essas pessoas karai faziam o papel falar (*monhe'e kuatia*) e ao mesmo tempo registravam qualquer acontecimento e fala no papel (japo *kuatia nhe'e*), por isso, algumas famílias Kaiowa ficavam admiradas e curiosas. Diante dos fatos misteriosos, procuraram entender o poder de conhecimento escrito do não-índio (*karai kuatia nhe'e*). Eles perceberam que para compreender o modo de ser e pensar escrito dos karai teriam que aprender a dominar os mistérios dos saberes do papel (Benites, 2009: 75).

Portanto, a modalidade escrita da fala, sobre a qual Benites (2009) usa o termo *kuatia nhemonhe'e,* é uma coisa nova para os Kaiowá e o lugar onde tem/terão acesso a essa técnica é

Ñanduty
ISSN:2317-8590

a escola. Do contato com os não indígenas surgiu a curiosidade por parte dos Kaiowá sobre a escrita e, apesar do espanto com essa novidade, desejaram se apropriar dessa técnica; por outro lado, por muito tempo se concebeu que a escola para os e as Kaiowá e Guarani era apenas para aprender a escrever o mínimo necessário, sem a dimensão da valorização da educação escolar que existe hoje.

Desse modo, a educação formal está relacionada com a escola e a universidade enquanto espaços onde acontece o processo educativo no mundo dos *karai* – não-indígenas. Conforme Célia Silvestre (2011):

> Partindo de uma definição clássica, a educação é o processo através do qual as gerações mais velhas transmitem o conhecimento às gerações mais novas. Nas sociedades ocidentais, convencionou-se que esse processo seria formalizado através de instituições encarregadas dessa tarefa. Ao longo do tempo, muitos modelos foram adotados com esse propósito (Silvestre, 2011: 71).

Levando essas considerações a respeito da escola/universidade, entendo que a escola enquanto espaço de aprendizagem é um espaço muito diferente daquele onde acontece a educação entre os Kaiowá e Guarani, que é com a família, nas atividades do dia a dia. Mas percebo que cada um se caracteriza por ser um tempo/espaço – ara – onde se busca meios para tentar explicar ou solucionar problemas que venham a ocorrer dentro da própria sociedade educativa, de acordo com os princípios próprios daquela comunidade.

2. Escola e universidade para os/as Kaiowá e Guarani

Com a finalidade de entender as particularidades colocadas para as mulheres kaiowá e guarani quanto às suas expectativas e oportunidades com os estudos, realizei algumas entrevistas, ou seja, o diálogo/*nhemongueta* com 14 indígenas, sendo dois homens (para falarem a respeito da escola de forma geral) e 12 mulheres, todos/as moradores/as da aldeia Sassoró. A idade dos/as participantes variou de 15 a 50 anos. Para me aprofundar sobre esse tema, levei algumas perguntas norteadoras para o debate, como: Qual conceito você tem sobre a escola ou da universidade, ou seja, o que entende por isso? O que essa instituição representa para você?

Os participantes do diálogo/*nhemongueta* foram: Reinaldo Duarte Romeiro, 47 anos, que parou de frequentar a escola no 4° Ano do Ensino Fundamental, casado e pai de 3 filhos; Eva de Almeida Gomes Romeiro, 45 anos, Ensino Médio completo, casada e mãe de 3 filhos; Adriano Morelis, 37 anos, graduado em Matemática pela Universidade Federal da Grande

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Dourados (UFGD), casado e pai de 2 filhos; Joaquina Domingues, 50 anos, parou de frequentar a escola depois de concluir o 1 ° Ano do Ensino Fundamental, casada e mãe de 6 filhos; Ziléia Franco Morelis, 20 anos, parou de frequentar a escola no 2° Ano do Ensino Médio, casada e mãe de um filho; Roziane Vilhalva Rodrigues, 22 anos, parou de frequentar a escola no 7° Ano do Ensino Fundamental, casada e mãe de 2 filhos; Luzimara Ribeiro Morelis, 23 anos, curso técnico trancado há 1 ano, trabalha com carteira assinada, casada e mãe de um filho; Rosimeire Valério, 27 anos, técnica em Enfermagem, com graduação trancada na área de História na UEMS, casada e mãe de um filho; Crislaine Rodrigues Vilharva, 26 anos, com graduação em andamento na área Ciências Humanas na UFGD, solteira e mãe de 3 filhos; Fátima Benites, 21 anos, Ensino Médio completo, atualmente não estuda e não trabalha, casada e mãe de 1 filho; Janaína Pereira Montiel, 34 anos, graduada em Letras pela UFGD e coordenadora da Escola Estadual Indígena Jasy Rendy (EEIJR), casada e mãe de 3 filhos; Odália Morelis, com graduação trancada na área de História na UEMS, casada e mãe de 2 filhos.

Imagem 1- Depois do diálogo/*nhemongueta*



Fonte: arquivo pessoal

Levando as perguntas a respeito do que a escola ou universidade como instituição representa para os Kaiowá e Guarani, em elementos como o que pensam a respeito e como se

Ñanduty
ISSN:2317-8590

posicionam em relação a estes espaços, trago as falas do morador Reinaldo Romeiro, que fez questão de falar na língua materna e fez apelo que sua fala seja transcrita da mesma forma:

> *Heta eterei aguereko há'e vaerã, aheka ta lao amombyky haguã, ema'e mi. Escola chevy há'e petei mba'e pyahu, che ara pe va'ekue nde rera rejapo guive ja omacha eterei ma va'ekue, há reipapa haguã katu nde guã jave nte voi, upeicha oje'e va'ekue orevy ore ru kuera voi hei. Upe ara pe ndoikoi voi va'ekue koanga onheme'e va bolsa he'iha hikuai, mba'eve te voi va'ekue nonheme'ei. Ore kuatia kuera opyta paite va'ekue mbo'e roy pe, nonheme'ei voi, oimene jaikua'aramo oī jepe arakae ro estuda porã ve haguã, daikatu moai voi ave jepe, ijetu'u eterei voi akue opa mba'e, sai roikua'a upeva rehegua, nda arei ete akue karai rembiapo nte voi oje'e va'ekue pe mbo'e roy, oiko pa rei haguã oho upepe umi mitã guasu oje'evaekue, ore ru kuera he'i arã oreve romba'apo rangue ha pono roho ve upepe, chupe kuera tuicha eterei vyro renda va'ekue, uperõ kokue gui paite ose va'ekue ogapy pe ojeu vaerã, ha onhamgareko arã umi kokue re tekoteve entero ve te ntekoteve va'ekue omba'apo, koanga ndahae vei upeicha, tembiu umia cidade gui paite jajogua. Upeicha ahecha va'ekue pe escola 15, 16 roy peve, che na momba'e guasui va'ekue che ru kuera cha avei, ndahaei jepe upeicha arakae. Koanga ahecha há aikua'a ve ma hese gua, jahupyty jaipotava uperupi ve nte voi, maerã pa upeicha? Jahasa hina tuvicha sarambi guasu rupi, ha che ndaikatui há'e iporã terã ivai pa, ndaikua'ai ete voi, aikua'a jahasa há sarambi guasu rupi, upea ndajavyi voi. Escola rupive mante koanga, ndoikoi voi mokõi tape.*
>
> O que tenho para falar inclui muitas coisas, mas procurarei resumir em poucas palavras. Vamos lá! A escola, para mim, é uma coisa nova. Na minha época de infância, o máximo que poderia aprender eram os nomes e saber os números até dez: isso já era o suficiente e nos foi ensinado assim pelos nossos pais. Na época, não tinha essa tal de bolsa para estudante ou algum benefício para se manter na escola. O lápis e os cadernos não eram entregues aos alunos, mas eram guardados na própria escola. Talvez tivesse uma maneira de seguir ou levar em frente os estudos, mas era tudo tão difícil na época e são poucas informações que tínhamos a respeito da escola, que até uns anos atrás se pensava que a escola era coisa dos *karai* [brancos ou não indígenas]. Uma perda de tempo para nós. Nossos pais falavam que em vez de nós irmos perder tempo lá, podíamos procurar o que fazer, ou seja, para eles era um problema, porque os alimentos, como os mantimentos da casa, saiam todos da roça e quem tinha que manter essa roça eram os próprios integrantes da família. Hoje não é assim: a gente compra a maior parte dos alimentos da cidade. Então, a visão que mantive até uns 15, 16 anos sobre a escola era que esta era uma perda de tempo, mas não era. Hoje a minha visão sobre isso mudou, pois a gente só consegue as coisas enfrentando as dificuldades por estudar, mas por que isso? Estamos passando por uma transformação e eu não sei falar se essa transformação trará algum resultado positivo para nós, mas que estamos em transformação isso eu garanto. A escola hoje é ponto de partida e não tem outro meio: tudo começa por lá.

Desse modo, percebemos na fala de Reinaldo que houve uma mudança de concepção sobre a escola, em relação à que teve em sua infância, seguindo o modo de pensar dos mais velhos a respeito de uma instituição que não representava os modos de existir e os conhecimentos dos Kaiowá e Guarani.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Continuando o diálogo/*nhemongueta* a sobre a escola, a moradora Eva Romeiro Martins argumenta:

> Quando a escola for o centro ou tema de uma discussão, temos que pensar em duas formas de entender essa instituição. A primeira é a escola em outros tempos, ou seja, as primeiras a serem construídas nas aldeias, que é o nosso caso, e a visão que os indígenas tinham a respeito naquele período; a segunda e última é a escola de hoje. Quero que entenda, que não estou falando que as transformações que a escola vem passando são problemas, não é isso, entendeu? Estou afirmando apenas que existem dois tipos de pensamento a respeito da escola que são aqueles que são pessimistas e otimistas. Pessimistas são aqueles que ainda acham que a escola é um problema, que escola é lugar de mulheres, e que lugar de homens é no trabalho braçal nas usinas de cana, nas fazendas e outros tipos de trabalho que exigem um esforço físico exagerado. Otimistas são aqueles que não veem outro meio para ascender na vida a não ser pela escola: investem em seus filhos e parentes, apoiam, incentivam, pois acreditam que um bom futuro da comunidade ou de seus parentes só dependerá desses indivíduos e o sucesso virá apenas através da escola ou universidade. Portanto, temos dois tipos de pensamento e eu sou uma das otimistas, porque não vejo outra maneira de buscar o sucesso.

O que Eva Martins traz para a pesquisa é uma afirmação ou concepção que eu particularmente não havia tido conhecimento ainda, isto é, considero uma informação nova e importantíssima na elaboração deste trabalho a visão otimista de sucesso pessoal relacionada com a educação. Como concordo com a moradora, essa pode ser uma das causas ou explicações sobre como tem sido a relação das mulheres kaiowá e guarani com a escola/universidade.

Joaquina Domingues deixa as seguintes palavras a respeito:

> A escola, para mim, foi algo que tive pouco acesso, tanto é que a minha escolaridade é apenas 1° ano do Ensino Fundamental: só sei escrever o meu nome e com muita dificuldade. Como a minha família era muito ocupada, a responsabilidade de cuidar de mim no trajeto e na escola era da minha irmã mais velha. No caminho ela me maltratava muito, a ponto de eu chegar a desistir [de ir para a escola]. Comecei a ajudar meus pais na roça, depois veio o casamento, os filhos e complicou tudo para mim. Lembro que a escola era pouco valorizada na época, mas hoje está tudo diferente e acredito que se eu tivesse apoio de alguém pelo menos terminava o Ensino Fundamental, mas na época era muito difícil. Hoje percebo que não tem outro jeito: as pessoas devem sim estudar e eu apoio os meus filhos. Sei que existem sacrifícios que quem estuda passa, mas eu acredito muito que vale a pena.

Janaína Pereira Montiel reflete da seguinte forma sobre a escola:

> Não se vê mais outra maneira de nos aperfeiçoar ou aprimorar nossos conhecimentos sem a escola. Claro que nossa cultura tem o seu próprio método de passar esses conhecimentos, que é de forma oral, mas é isso mesmo que a escola deve valorizar e oferecer, principalmente quando se encontra na aldeia, levando em consideração a transformação e a realidade da comunidade na qual está inserida.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Adriano Morelis levanta os seguintes elementos sobre o sentido de comunidade e conquista de direitos no espaço escolar:

> A escola é onde a gente aprende a exercitar a nossa mente e despertar a compreensão sobre vários assuntos, como a trajetória do nosso povo [Kaiowá e Guarani], que é um tema muito importante e são poucos indígenas que se interessam por isso, é lamentável. Mas, a escola tem um papel muito importante para nós, indígenas, pois é onde nós começamos a nos identificar e posicionar sobre vários aspectos. Então, a escola é o ponto de partida, pois sem ela não conseguiremos nos posicionar e lutar pelos nossos direitos, porque a todo momento estamos em conflito.

Com esses relatos, percebe-se o quão complexo é esse assunto entre os Kaiowá e Guarani, mas entendo também que a instituição tem um papel fundamental na relação com indígenas. Mais adiante, veremos se esse contexto tem sofrido alguma transformação, ou seja, se alguns ainda se identificam com os mesmos problemas citados acima, especificamente as mulheres kaiowá. Dessa forma, entendemos então que a escola na concepção dos Kaiowá e Guarani podem ter mais de uma explicação ou entendimento.

3.1 Relação das mulheres kaiowá e guarani com a escola/universidade

Prosseguindo com o diálogo/*nhemongueta,* umas das ferramentas usadas durante esse trabalho, nesta seção abordarei especificamente o diálogo com as mulheres, levando as perguntas com uma conversa simples. Algumas declarações ou relatos me foram passados com semblante tenso, como se elas estivessem desabafando, o que me motivou ainda mais a seguir esse trabalho usando essa metodologia (diálogo/*nhemongueta*).

As perguntas levantadas foram: qual sua relação com a escola ou universidade atualmente? Qual o seu ponto de vista a respeito?

Deixo aqui as palavras daquelas que se posicionaram a respeito. Para Rosimeire Valério:

> O que eu acho da escola como uma indígena: os alunos precisam se aprofundar mais sobre as histórias indígenas, ou mesmo na leitura, para que eles não tenham dificuldade quando forem para uma faculdade, ou para exigirem seus direitos. No meu caso, quando eu estudei as coisas eram muito difíceis, pois tive pouco apoio para permanecer na escola. No momento, estou trabalhando como Agente Indígena de Saúde (AIS), o que me inspirou para fazer [o curso de] Técnica em Enfermagem. Depois, fiz o curso de História na UEMS, mas as dificuldades me fizeram fracassar no 4° ano do curso. O que me fez trancar a faculdade foi a escolha que tive que fazer entre continuar estudando ou trabalhando. Como a pandemia estava tomando conta e eu trabalhava com saúde, as

Ñanduty
ISSN:2317-8590

> tarefas diárias dobraram. Foi um motivo para desistência. Agora estou com dúvida se continuo o curso de História ou se faço outro, que é a Enfermagem Padrão.

Ziléia Morelis Franco deixa o seguinte relato:

> Eu penso que a escola é importante para a construção do conhecimento humano, porque lá vou entender e desvendar o que quero para o meu futuro. Eu sou grata a todos os professores com quem estudei, pois de qualquer forma contribuíram para eu aprender a ler e escrever. Atualmente estou parada, pois não estudo e nem trabalho. Parei de ir à escola no 2° Ano do Ensino Médio, pois ficou muito difícil para mim. Estou com meu marido na fazenda que fica longe da cidade e tenho que cuidar da casa e da minha filha, mas assim que tiver oportunidade quero voltar a estudar.

Bertiele Gonçalves Valério realiza a seguinte relação entre estudos e acesso a oportunidades:

> A escola tem importância para mim, porque através dela posso ter acesso a uma faculdade e, consequentemente, aumento das oportunidades nas empresas, escolas, prefeituras e a possibilidade de conquistar um diploma de curso superior. Hoje, tenho 17 anos e estou no 3° Ano do Ensino Médio. Apesar dessa pandemia, tenho visto muitas pessoas se esforçando para continuar a estudar e isso me motiva. Estou casada, porém o meu marido me aconselha sempre a seguir os meus estudos e pretendo mesmo fazer alguma faculdade depois de ter concluído o Ensino Médio.

Luzimara Ribeiro Morelis assim reflete sobre maternidade, trabalho e educação:

> Para mim o estudo é muito bom, pois através deste aprendi muitas coisas que sozinha não seria possível, como a ampliação do meu conhecimento. Passei por muitas dificuldades para concluir o Ensino Médio e uma delas foi ter me casado e ter um filho nos meus 18 anos: uma idade que para nós, indígenas, é boa. Me considerava uma irresponsável ainda, né, mas não desanimei. Depois do Ensino Médio, passei a trabalhar à noite em uma empresa e enquanto trabalhava de noite me arrisquei a ingressar no curso de Técnico em Enfermagem durante o dia, mas não dei conta e acabei desistindo. Queria muito fazer algum curso, mas parece que as oportunidades aparecem pouco para mim.

Roziane Vilhalva Rodrigues traz a seguinte reflexão sobre o esforço individual relacionado ao acesso escolar:

> Tenho uma admiração muito grande em quem se sacrifica para continuar a estudar, principalmente as mulheres, porque meu caso é diferente dessas pessoas. Para mim, como mulher, levar esses estudos adiante é opcional, pois eu não tenho tanta paciência quanto essas mulheres que se submetem a tantos sacrifícios em busca de conquistas individuais. Tanto é que estou com 22 anos, 2 filhos e parei de frequentar a escola com 14 anos de idade. Na época, estava no 7° Ano do Ensino Fundamental e depois disso deixei de me interessar pelo estudo até hoje, pois para mim não faz tanta falta. Acho

Ñanduty
ISSN:2317-8590

> incrível pessoas que buscam esses objetivos, mas particularmente não me submeteria a isso... não sei daqui alguns tempos. Talvez tenha esse pensamento porque nunca busquei me informar mais a fundo sobre o assunto.

O que podemos levar em consideração depois desses relatos é de que a escola/universidade é uma coisa nova para as mulheres kaiowá, portanto cabe a nós a compreensão de que o entendimento que se tem sobre essa instituição é de que está numa fase de transformação, em que:

> A invasão, ocupação e exploração do solo brasileiro foram e são determinantes para as transformações radicais que os povos originários passam no decorrer de cinco séculos. Um longo processo de devastação física e cultural [a invasão, devastação e exploração] eliminou grupos gigantescos e inúmeras etnias indígenas, especialmente através do rompimento histórico entre os índios e a terra. Por dentro da tradição da teoria social crítica, podemos captar elementos teórico-metodológicos muito significativos para análise do processo histórico social vivido por esses povos e apreender a teia contemporânea de ameaças à própria continuidade da existência da vida indígena e sua possibilidade de autodeterminação e auto-organização (Silva, 2018: 2).

A concepção que tinha a respeito da relação das mulheres kaiowá e guarani com escola/universidade antes de ter feito a pesquisa era de que escola/universidade se remetia como uma necessidade para algumas e opção para outras. Porém, depois da pesquisa compreendo que a maioria das mulheres considerava a escola/universidade como algo necessário, pois foram poucas que a classificavam como algo opcional.

2.2 As dificuldades

Não há como deixar de mencionar as dificuldades quando o assunto é sobre mulheres kaiowá e guarani, principalmente em relação à escola/universidade. Nessa passagem, focaremos nos motivos ou causas que têm sido os fatores responsáveis pela permanência ou desistência da escola/universidade por parte delas.

Ziléia Morelis Franco assim reflete sobre a relação entre acesso à educação, maternidade e trabalho de cuidado:

> A minha dificuldade ou o que tem sido responsável pela minha desistência da escola é o casamento e o filho. Claro que não trato como um problema, não posso sair falando isso para todos e sei da importância do estudo, mas às vezes não temos condições ou não nos cabe. Porque não cresci com minha mãe (me falaram que eu a perdi quando eu ainda era muito pequena), passei a infância com minha irmã, portanto desde criança

Ñanduty
ISSN:2317-8590

> aprendi a me adaptar e encarar as coisas. Desse modo, a minha condição é complicada demais.

Sobre a condição de ser uma chefe de casa na ausência do marido, alguns trabalhos, como de Seraguza (2013), demonstram que:

> Com os homens trabalhando, são as mulheres e as crianças que ocupam os caminhos, ora para ajudar um parente, levar um remédio, uma comida, ora para buscar ajuda alimentos e remédios para si e sua família na ausência dos homens (Seraguza, 2013: 163).

Portanto, na ausência do homem em uma casa, a responsabilidade com a família passa a ser da mulher. Continuando o diálogo/*nhemongueta*, temos mais posições das mulheres indígenas a respeito das dificuldades enfrentadas por elas.

Crislaine Rodrigues Vilharva fala de sua trajetória:

> Para falar das minhas dificuldades, preciso de um bom tempo. Para começar, falarei das aventuras que vivi durante os meus 14 aos 19 anos e das quais surgiram as minhas dificuldades. Desde os 14 anos de idade, comecei a me envolver com as meninas que tinham mais idade que eu e pelas quais fui muito influenciada. Como meus pais davam pouca atenção para mim, cada vez mais me via longe da escola e nas aventuras como uma pessoa nova, me casei. Não deu certo e nessa época já tinha parado de estudar. Depois disso, me casei novamente e consequentemente veio a gravidez e o casamento não deu certo. Como eu era uma jovem muito rebelde, me dispus a outras tentativas de encontrar um companheiro e tive mais 2 filhos. Durante esse tempo não frequentava mais a escola. Depois dessas experiências, comecei a ser mais objetiva, concluindo o Ensino Médio com muita dificuldade. Em seguida, com pouca informação, fui fazer a minha inscrição na área de Educação Física em uma faculdade privada e a frequentei por 2 anos, mas com as condições em que me encontrava não dava para prosseguir, então desisti do curso. Depois disso fiquei um bom tempo parada, porém com ajuda de familiares e indicação de amigos me inscrevi na UFGD, onde estudo atualmente. Já estou na etapa final, mas tem muitas coisas para acontecer ainda.

De igual forma, se expressa Cristiane Candido:

> Faz tempo que parei de ir à escola. Estava no 7° Ano do Ensino Fundamental quando, por falta de apoio e recursos para continuar ir à escola, me casei e aí que começou a complicar as coisas. Por outro lado, sabia que não seria fácil para mim, mas não tinha outra opção, pois meus pais eram alcoólatras e pouco ligavam para seus filhos, tanto é que por causa disso fui morar com minha avó, então me sentia muito sozinha e sem amparo. Por isso, resolvi casar e hoje não estudo e nem trabalho. Tenho uma filha e não penso muito em estudar e, mesmo se tivesse alguma possibilidade, terei que pensar muito a respeito, pois [essa situação] exige bastante sacrifício e eu não sei se estaria em condições de aceitá-lo.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Fátima Benites falou sobre a importância das pesquisas que se preocupam em ouvir as mulheres:

> Primeiramente agradeço a quem elabora esse tipo de trabalho, pois o interesse sobre as mulheres é muito raro, muito mais ainda quando é sobre indígenas. Para começar não estou estudando, apesar de ter concluído o 3° Ano do Ensino Médio, e nem trabalhando. O motivo de eu não ter continuado o meu estudo é a falta de informação, ter casado e ter tido um filho, porque depois que a gente tem um filho, muda muito. Para as mulheres, claro, a prioridade passa a ser o filho, a casa e com isso não sobra tempo para estudar, então os motivos dessa pausa em relação à escola/universidade são muitos, mas os principais acredito que sejam esses.

Odália Morelis, em sua fala, menciona as dificuldades do dia a dia para uma mulher mãe, que são muito difíceis de transpor pela localização da Aldeia Sassoró, distante da universidade:

> Na sala de aula, desde quando comecei a estudar, todos sabiam da minha capacidade e facilidade de compreender os conteúdos. Eu era muito elogiada por isso e concluí o Ensino Fundamental e Médio com poucas dificuldades: digo isso porque via algumas em condições mais precárias que eu. Mas, com a dificuldade e a falta de oportunidade para cursar um Ensino Superior, fui perdendo o meu interesse em estudar. Sei da importância, mas as minhas condições não me faziam seguir em frente. Com o tempo, casei, tive filhos e consequentemente parei de estudar. Depois de tudo acalmar, comecei a estudar novamente, mas no momento estou com meu curso de História trancado na UEMS. Os motivos para optar pelo trancamento foram esses e a distância que ficava a universidade.

O diálogo/*nhemongueta* foi uma metodologia que contribuiu para a pesquisa, pois pude perceber isso na tranquilidade e calma por parte das mulheres. Foi mais um desabafo, pelo qual tem aumentado a minha inspiração e motivação. Não posso deixar de mencionar que, durante a pesquisa, as mulheres falavam como se nunca tivessem conversado com alguém a respeito dessas questões e talvez essa impressão seja mesmo a realidade das mulheres.

3. Considerações finais

Trago aqui as últimas considerações a respeito do que apresentei aqui, que ressoam o que alcancei durante o diálogo/*nhemongueta*.

Percebo que as mulheres kaiowá e guarani são pessoas *mbarete* – fortes, e pode-se perceber isso em suas falas: algumas se emocionaram enquanto se expressavam, passando uma impressão de que são pessoas que se sentem solitárias e confusas em meio às dificuldades que enfrentaram ou ainda enfrentam. São relatos de experiências difíceis e cada pessoa tem uma

Ñanduty
ISSN:2317-8590

história diferente, mas retratam os motivos, as causas, que vêm sendo responsáveis pela evasão escolar entre as mulheres kaiowá.

Antes de ter feito esta pesquisa pensei em intitular esse trabalho como se a escola/universidade fosse uma opção ou necessidade para as mulheres kaiowá e guarani, porém com essa pesquisa chego à conclusão de que não se trata disso. Embora boa parte delas estejam sem estudar e outras com os estudos em andamento, percebo que a maioria considera a escola/universidade como um caminho necessário.

Durante essa pesquisa, descobri a presença do silêncio entre as mulheres, o que considero um dilema que talvez tenha durado e ainda dure anos. Como este é um assunto para outra ocasião, considero um ótimo tema a ser pesquisado.

Referências

BENITES, Tônico. 2009. *A escola na ótica dos ava Kaiowá: impactos e interpretações indígenas*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SERAGUZA, Lauriene. 2013. *Cosmos, corpos e mulheres Kaiowá e Guarani: de Aña a Kuña*. Dissertação de mestrado em Antropologia, Universidade Federal da Grande Dourados.

SILVESTRE, Célia Maria Foster. 2011. *Entretempos: experiências de vida e resistência entre os Kaiowá e Guarani a partir de seus jovens*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

SILVA, Elizângela Cardoso de Araújo. 2018. "Povos indígenas e o direito a terra na realidade brasileira". *Serviço Social e Sociedade,* São Paulo, 133:480-500.

Revisão: Katiuscia Moreno Galhera.